

BERMAN, Marshal (1986). TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR - a aventura da modernidade. São Paulo. Companhia de Letras, 360 pp

APROXIMAÇÕES À PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DO TEXTO

O livro que se apresenta à nossa reflexão, escrito no final da década de 1970/início da de 1980, publicado em 1982 na cidade de Nova Iorque pelo americano-judeu Marshal Berman do Bronx Nova Iorquino e traduzido no Brasil em 1986, é, sem sombra de dúvidas, um monumento à cultura moderna em defesa da modernidade que se tece na dialética das modernizações com os modernismos.

A obra se torna um libelo contra o dualismo modernização vs. modernismo que expressa a dicotomia matéria vs. espírito, ser vs. consciência, ação vs. reflexão. Compõe-se de seis ensaios, relativamente autônomos, por certo escritos em momentos diferentes, mas que se integram num todo que dá força à tese central do autor. Além de ser subsídio precioso para uma história da modernidade sobretudo dos intelectuais e da emergência da mulher/homem na cena sócio-política e de revelar a comunidade moderna onde nossos "julgamentos e esperanças podem ser compartilhados" (p. 16).

Berman é um crente das amplas possibilidades da idéia de modernidade para compreender/viver, sentir/pensar o mundo contemporâneo e a entende como um humanismo-realista-trágico.

Hardman, consultor da edição brasileira da obra, faz um juízo com o qual compartilho. Aí, segundo ele, está construído "um painel vertiginoso e lúcido dos tempos modernos, combinando com maestria a melhor tradição da crítica literária com um desvendamento histórico preciso da sociedade e da cultura nos séculos XIX e XX" (contra-capá 1).

A tese central do autor é que se a modernidade não veio para permanecer terá, no entanto, uma longérrima sobrevida.

"Aqueles que estão à espera do final da era moderna deverão aguardar um tempo interminável" (p. 330). A modernidade estendeu seu vigor, suas energias a todo o mundo de tal maneira que "a experiência de espaço e tempo, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida" (p. 15) é compartilhada por mulheres e homens em todos os quadrantes da terra. É que a modernidade em suas ambigüidades, contradições, possibilidades e vigor dialético, vai construindo/destruindo/re-construindo simultaneamente, numa capacidade incrível de resposta aos contextos

mais diversificados, o desenvolvimento/autodesenvolvimento.

"Como a economia moderna tem uma infinita capacidade para a renovação e transformação, a imaginação moderna também precisa se orientar e se renovar repetidamente... e gerar visões afirmativas de vidas modernas alternativas" (p. 297) que restaurem "o vigor espiritual da cultura modernista para o homem e a mulher do dia-a-dia" (p. 14).

Defende a tese de um impulso dialético interno à própria modernidade capaz de renová-la reconstruindo-a continuamente até esgotar todas as suas possibilidades. Sua perspectiva "põe ênfase na contradição e na tragédia de todas as formas de empreendimento e criatividade" (p. 49 nota) humanos numa veemente rejeição de todas e quaisquer formas de dogmatismos.

A modernização e o modernismo, enfim a modernidade pode e tem percorrido, nesses últimos duzentos anos, vários e diferentes caminhos (p. 121). "É a cultura modernista que mantém vivos o pensamento crítico e a livre imaginação em grande parte do mundo não-ocidental, hoje. Os governantes não gostam disso, mas é de supor que, a longo prazo, não poderão fazer nada a respeito. Na medida em que são obrigados a um esforço desesperado para acumular capital, obrigados a desenvolver-se ou desintegrar-se, - ou antes, como geralmente acontece, desenvolver-se e desintegrar-se -, na medida em que, como diz Octavio Paz, estão condenados à modernidade, serão forçados a produzir ou a permitir que se produza uma cultura que mostrará o que eles estão fazendo e o que eles são. Assim, capturado o terceiro Mundo na dinâmica da modernização, o modernismo, longe de se exaurir, estará apenas começando a chegar às suas dimensões plenas". E como ainda argumenta o mesmo Octavio Paz, por Berman citado, "é que o Terceiro Mundo necessita desesperadamente da energia imaginativa e crítica do modernismo. Sem ela, a revolta do Terceiro Mundo (...) degenerou em diferentes variedades de cesarismo frenético, ou definiu sob a força opressora de burocracias ao mesmo tempo cínicas e inconsistentes" (p. 121/2).

A construção teórica de Berman toma como objeto empírico a realidade histórica contemporânea em três de suas dimensões (a força da idéia de mundo moderno/a degradação que, simultânea e contraditoriamente, ela tem produzido/a luta de milhares de homens e mulheres contra essa degradação) constatadas na literatura, nos cientistas sociais, na arquitetura e nos conflitos/contradições individuais e sociais.

A força da idéia de mundo moderno, hoje mais relevante e poderosa que nunca, em meio ao caos, à promessa e ao mistério da vida pessoal e política (p. 254), criação do Ocidente, é o anelo mais profundo de todos os povos (p. 255). Mas, "desejo de progresso humano infinito não só na economia, mas universalmente nas esferas da política e da cultura" (p.132).

A hipótese de Berman, para essa construção, é que os primeiros escritores e pensadores que se dedicaram à modernidade perceberam instintivamente a interdependência entre modernização e modernismo tendo, por isso, conferido "a suas visões uma riqueza e uma profundidade que faltam aos pensadores contemporâ-

neos" (p. 129). Assim, na exploração empírica se dá sobretudo com esses autores. A crença, segundo Berman, de Marx e Goethe, por exemplo, é de que a vida moderna implica num todo coerente. "Esse senso de totalidade vai contra a granulação do pensamento contemporâneo. O pensamento atual sobre a modernidade se divide em dois compartimentos distintos, hermeticamente lacrados um em relação ao outro: "modernização em economia e política, modernismo em arte, cultura e sensibilidade" (p. 87). Afirma que nos encontramos "hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade" (p. 17).

Essa perspectiva de construção teórica, Berman toma de empréstimo ao poeta e crítico literário latino-americano do México, Octavio Paz, já citado anteriormente, a partir de seu livro "Correntes alternadas" onde este lamenta que a "modernidade tenha sido cortada do passado e tenha de ir continuamente saltando para a frente, num ritmo vertiginoso que não lhe permite deitar raízes, que a obriga meramente a sobreviver de um dia para o outro: a modernidade se tornou incapaz de retornar a suas origens para, então, recuperar seus poderes de renovação" (p. 34).

Vemos que inclusive a crença na capacidade de renovação da modernidade, Berman vai buscá-la num latino-americano. No entanto, não analisa nenhuma situação nossa, mesmo que considere a literatura latino-americana como uma das mais vigorosas e ricas do mundo atual.

A quebra desse confronto entre o futuro/presente/passado se inicia, de acordo com Berman, a partir da Segunda Guerra Mundial, tendo se efetivado na década de 1950, mesmo que, nela, se encontre sempre um ou outro pensador/escritor que o tente. Essa dialética crucial no século XIX, permanece vital nos anos de 1920 e 1930; entretanto, na década de 1950, "nas águas de Auschwitz e Hiroshima, esse processo de diálogo se interrompera" (p. 239). Há mais. Não apenas se rompe essa dialética. Chega-se a um ocultamento de "qualquer meio ambiente compartilhado" (p. 293) onde os modernistas anteriores e alguns posteriores buscam energia, inspiração ou antagonismos.

No entanto, é para os anos 1970 que se dirige a crítica mais incisiva de Berman, considerando a "década perdida" de alguns economistas como "uma década insípida" do pensamento onde quase ninguém se mostrou interessado em "estabelecer as amplas conexões humanas que a idéia de modernidade implica" (p. 32). Houve uma revoadada, por parte de muitos artistas e trabalhadores intelectuais, do trato com a modernidade e oposição aos que, na década anterior, haviam gerado "uma linguagem comum, uma ambiência vibrante, um horizonte como experiência e desejo" (p. 32). Mesmo que todas essas visões e revisões da modernidade tenham falhado, construíram, no entanto, "orientações ativas em relação à história, tentativas de conectar o conturbado presente com o passado e o futuro, a fim de ajudar homens e mulheres de todo o mundo contemporâneo a se sentirem em casa nesse mundo". Além de terem nascido da "largueza de vistas e de imaginação e de um ardente desejo de se atualizar" (p. 32).

Talvez tenha sido o fracasso dessas tentativas que impediu os intelectuais de perceberem as virtualidades da modernidade e os tenha levado a imergir "no mundo

do estruturalismo" e na "mística do pós-modernismo" que "risca do mapa a questão da modernidade e de todas as questões a respeito da autoidentidade e da história", o primeiro; e, "se esforça para cultivar a ignorância da história e da cultura moderna e se manifesta como se todos os sentimentos humanos, toda a expressividade, atividade, sexualidade e senso de comunidade acabassem de ser inventados - pelos pós-modernistas - e fossem desconhecidos, ou mesmo inconcebíveis, até a semana passada" (p.32).

Nesse contexto, os cientistas sociais constrangidos pelos ataques aos seus modelos tecnopastorais, abdicaram de sua tentativa de construir um modelo eventualmente mais verdadeiro para a vida moderna. Em vez disso, retalharam a modernidade em uma série de componentes isolados - industrialismos, construção, urbanização, desenvolvimento de mercados, formação de elites - e resistem a quaisquer tentativas de integrá-los em um todo. Isso libertou-os de generalizações extravagantes e vagas totalidades - mas também do pensamento que poderia conduzir ao engajamento de seu trabalho e suas vidas e à determinação do seu lugar na história. O eclipse do problema da modernidade dos anos 70 significou a destruição de uma forma vital de espaço público. Acelerou a desintegração do nosso mundo em um aglomerado de grupos de interesse privado, material e espiritual, vivendo em mônadas sem janelas, ainda mais isolados do precisamos ser" (p. 32/33).

No entanto, no seio da tendência ao abandono do conceito de modernidade, cujas expressões exemplares são Huntington e Eisenstadt, emerge também a tendência ao seu aprofundamento e precisão sobretudo com a obra de Braudel e outros cientistas sociais como Markowitz e Wallerstein (p. 333 nota 25). Mas de fato, "o sentimento de passividade e desesperança tomou conta de muitos intelectuais" (p.33/34). Pois, foram frustradas as esperanças de que de todas as lutas dos anos 1960, "brotaria um dia uma nova síntese, um novo modo de modernidade através do qual todos nós poderíamos harmoniosamente nos mover e no qual nos sentiríamos em casa" (p. 313).

Nesse contexto e na perspectiva anteriormente assinalada é escrito "Tudo que é sólido desmancha no ar" com o qual Berman quer ajudar as pessoas do tempo atual "a criar uma modernidade do futuro que será mais plena e livre que as vidas modernas que até hoje conhecemos" (p. 328). Busca então explicitar o impulso dialético da modernidade ao longo dos dois últimos séculos explorando e traçando as tradições próprias que a modernidade desenvolveu (p. 15, 25-31, 273). Além de tentar compreender como essa variedade pode "nutrir e enriquecer nossa própria modernidade" e/ou "empobrecer ou obscurecer o nosso senso do que seja ou possa ser a modernidade" p. 15). Aqui se refere ao pós-modernismo.

Do ponto de vista metodológico procede através de noções e não de conceitos. Certamente para fugir da tendência imperialista, dogmática e totalitária da pretensa precisão conceitual. As noções, na medida em que não seguem a lógica da identidade, do terceiro excluído e da não-contradição, indicam os seus possíveis elementos caracterizadores permitindo a identificação rigorosa dos fenômenos em estudo e garantindo maior liberdade e riqueza à reflexão.

Identifico como noção principal utilizada pelo autor a modernidade inclusive porque é para o seu aprofundamento, precisão e renovação que quer ele contribuir. Parte de uma noção provisória de modernidade de inspiração rousseauiana (p. 17). Nela inclui como suas duas características centrais, indissociáveis, a modernização cujo núcleo fundamental é a noção de desenvolvimento econômico e político e o modernismo cujo núcleo é a noção de autodesenvolvimento ou crescimento do indivíduo, sua conformação espiritual e sentimental.

Nesse sentido, a modernidade para Berman é antes de mais nada uma experiência assentada na objetividade e na subjetividade.

E só como uma cultura ela ganha densidade e significado. Uma cultura específica que se configura na experiência de espaço/tempo, de si/dos outros, da vida como possibilidade/perigo.

Navegando na trilha da melhor tradição da crítica literária e do resgate histórico, Berman faz uma leitura modernista de Marx e uma leitura marxista do modernismo (p. 117) incorporando as questões atuais do feminismo e da ecologia. Não consegue, no entanto, tratar bem a negritude e a latino-americanidade identificando, em seu texto, muitos transtornos com negritude ou latinidade.

Procede através da análise do discurso à recuperação do dinâmico e dialético modernismo do século XIX (p. 34) buscando desvendar as sombras da modernidade a partir de suas visões luminosas (p. 273). De fato, desde as noções-chaves e perspectiva analíticas assumidas, realiza um exame minucioso e metódico de textos, ambientes espaciais sobretudo do espaço urbano, sua divinização/rejeição, e dos ambientes sociais/pessoais no saber da ironia Kierkegaardiana.

Podemos afirmar que consegue produzir uma "weltaanschauung" que "irônica e contraditória, polifônica e dialética, ... denuncia a vida moderna em nome dos valores que a própria modernidade criou, na esperança - não raro desesperançada - de que as modernidades do amanhã e do dia depois da amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem e a mulher modernos de hoje" (p. 22/23).

Nos seus seis ensaios a obra é de uma coerência interna, mesmo com alguns senões, muito grande além de belamente formulada. Analisando Petersburgo ou Nova Iorque, ligando o presente ao futuro e ao passado, consegue um sabor de fim em aberto (muito pós-modernamente). Resgata a modernidade como a grande utopia permanente de nosso tempo porque ainda não esgotou suas possibilidades e é o grande anelo dos machos e fêmeas, jovens, crianças, adultos e velhos da espécie humana em todos os quadrantes da terra, desafiando-nos em todas as ideologias, sistemas, religiões e situações.

Acena com um papel para os intelectuais em confronto com mulheres e homens comuns na tentativa de construir uma modernidade possível, mais ampla que permita a humanização de todos.

"Ser moderno ... é experimentar a existência pessoal e social como um turbilhão, ver o mundo e a si próprio em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambigüidade e contradição: é ser parte de um universo em que tudo o que

é sólido desmancha no ar. Ser um modernista é sentir-se de alguma forma em casa em meio ao redemoinho, fazer seu o ritmo dele, movimentar-se entre suas correntes em busca de novas formas de realidade, beleza, liberdade, justiça, permitidas pelo seu fluxo ardoroso e arriscado" (p. 328).

Resgata assim a visão hegelmarxiana da História como "atividade incansável, contradição dinâmica, luta e progresso dialéticos" (p. 28) reencontrando sua noção originante de modernidade (p. 15) que lhe permite construir essa obra monumental ao humanismo não enquanto uma doutrina, mas no sentido de que "nada do que é humano lhe é estranho".

João Francisco de Souza
Professor do Departamento de Fundamentos
Sócio-Filosóficos da Educação da
Universidade Federal de Pernambuco